

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14824526>

SABERES ANCESTRAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTA LUZIA DO MARUANUM: CONEXÕES COM A ETNOMATEMÁTICA

*Ancestral knowledge in the Quilombola Community of Maruanum' Santa Luzia:
Connections with ethnomathematics*

José Roberto Linhares de Mattos¹

Orcid iD: 0000-0002-4075-6764

Romaro Antonio Silva²

Orcid iD: 0000-0002-4370-0125

Felipe Lima Xavier³

Orcid iD: 0009-0004-9548-8746

RESUMO:

Este artigo aborda sobre seres, saberes e fazeres na Comunidade Quilombola Santa Luzia do Maruanum, suas histórias culturais no estado do Amapá, seus enredos, e a força de trabalho, em especial, das mulheres da comunidade. O objetivo é abordar a atividade laboral de produção de louças de barro de mulheres da Comunidade Quilombola Santa Luzia do Maruanum, com seus aspectos culturais e espirituais provenientes da ancestralidade. A metodologia de pesquisa utilizada foi baseada em observação participante e roda de conversas para coleta de dados, com um viés etnomatemático sobre os saberes e fazeres dos membros da comunidade quilombola. Com suas riquezas e sabedoria ancestrais, as louceiras do Maruanum conseguem retirar da terra o barro que provém as louças que são vendidas para o seu sustento. Esses conhecimentos podem ser utilizados na sala de aula, em particular, em escolas que recebem alunos dessa comunidade, para auxiliar no ensino e na aprendizagem.

Palavras-chave: Etnomatemática. Ancestralidade. Cultura. Maruanum.

ABSTRACT:

This article discusses the beings, knowledge and doings of the Quilombola Community of Santa Luzia do Maruanum, their cultural histories in the state of Amapá, their plots, and the workforce, especially of the women of the community. The objective is to describe the work activity of producing clay pottery by women of the Quilombola Community of Santa Luzia do Maruanum, with its cultural, and spiritual aspects originating from their ancestry. The research methodology used was based on participant observation and conversation circles for data collection, with an ethnomathematical bias on the knowledge and practices of the members of the Quilombola community. With their ancestral wealth and wisdom, the potters of the Maruanum are able to extract from the earth the clay that produces the pottery that is sold for their livelihood. This knowledge can be used in the classroom, particularly in schools that receive students from this community, to aid in teaching and learning.

Keywords: Ethnomathematics. Ancestry. Culture. Maruanum.

¹ Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Lisboa, professor titular da Universidade Federal Fluminense e professor permanente da Pós-Graduação em Educação Agrícola na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: jrlinhares@gmail.com.

² Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Minho e professor do Instituto Federal do Amapá. E-mail: romaro.silva@ifap.edu.br.

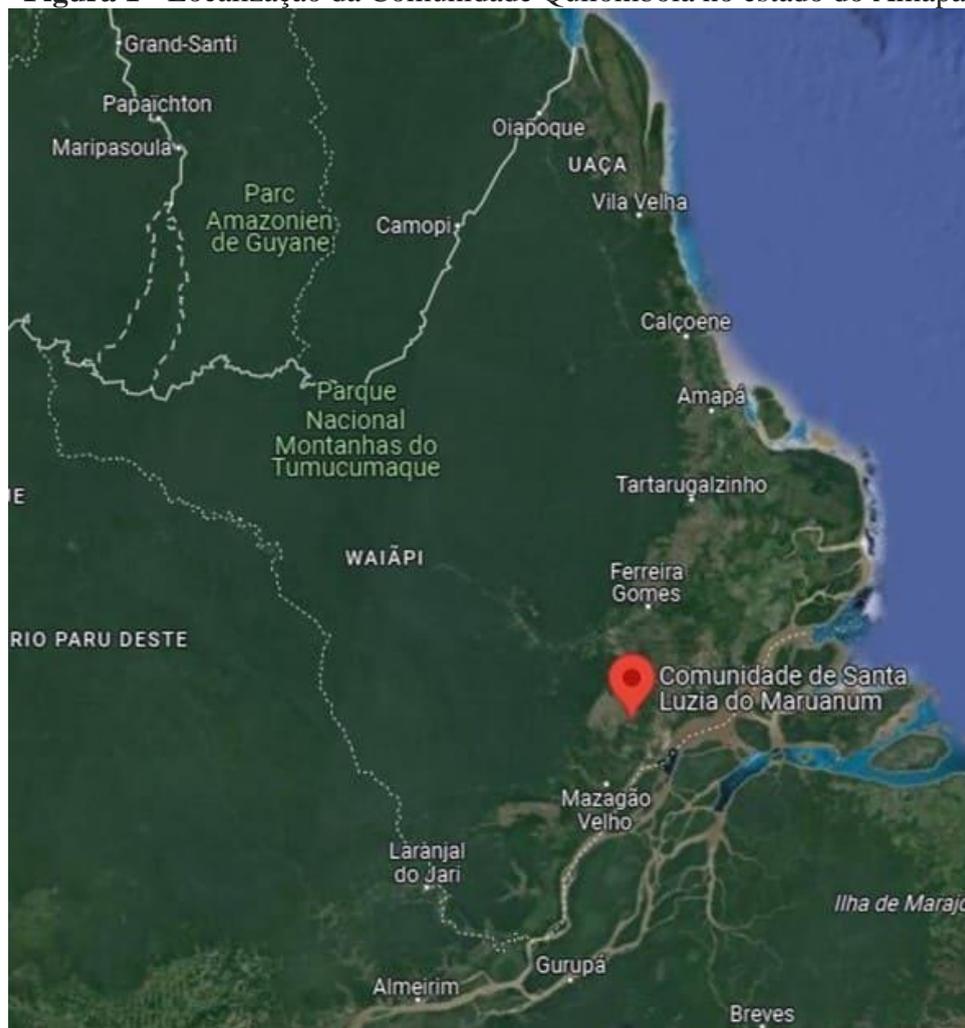
³ Licenciando em Matemática pelo Instituto Federal do Amapá e bolsista de iniciação científica do CNPQ. E-mail: felipelimamcp44@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O estado do Amapá é rico em histórias culturais que são passadas de geração em geração, tais como, lendas, mitos, crenças e costumes de pessoas que migraram em busca de novas oportunidades de vida ou foram trazidas durante o período da escravização no Brasil. Diante disso, destacamos a cultura afro-brasileira como exemplo da ancestralidade amapaense. Os afrodescendentes em terras quilombolas, que são remanescentes de pessoas que foram escravizadas, apresentam um contexto sociocultural e ecológico integrado.

Nessa direção, este artigo aborda sobre as mulheres louceiras da Comunidade Quilombola Santa Luzia do Maruanum, que economicamente sustentam as suas famílias com suas atividades de produção de louças de barro. Elas apresentam-nos um saber e um fazer cultural, genuinamente amapaense. A Figura 1 mostra o mapa do estado do Amapá e a localização da Comunidade Quilombola Santa Luzia do Maruanum.

Figura 1 - Localização da Comunidade Quilombola no estado do Amapá



Fonte: Google Maps, 2024.

O estado do Amapá, localizado no extremo norte do Brasil, apesar de ser um dos estados mais novos do país, criado na constituição Federal de 1988, é repleto de cultura e história fazendo jus as belezas exuberantes da Amazônia brasileira. Até 1988, o que hoje é o estado do Amapá era considerado terras da união.

Ao falarmos de ancestralidade, temos que ter em mente que ela é cíclica no sentido que, com o passar do tempo, as pessoas se vão, mas o ensinamento e o legado ficam porque já foram passados para as gerações futuras, as quais garantirão o seu prosseguimento.

Um trabalho pioneiro sobre as louceiras da comunidade do Maruanum foi escrito pela pesquisadora Alicia Coirola (1991) com o título “Atividades e tradições dos grupos ceramistas do Maruanum (AP)”. A autora apresenta-nos a prática de confecção das louças e traz para respaldar sua pesquisa a matriarca da comunidade conhecida como “tia Alexandra”. Essa mulher não tinha mais idade para praticar as atividades laborais, mas sempre queria saber o que estava acontecendo com o desenvolvimento do processo de confecção das louças, já que tinha o saber ancestral.

O trabalho que apresentamos neste texto, faz parte de um projeto de pesquisa, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que tem como título “Práticas laborais em pequenas comunidades no Brasil e em Portugal: sustentabilidade no saber/fazer para equidade social e econômica”, coordenado pelo primeiro autor, no qual o segundo autor é membro pesquisador e o terceiro autor é participante como bolsista de iniciação científica. Outros pesquisadores e pesquisadoras estão envolvidos no projeto, que abarca seis comunidades, três no Brasil e três em Portugal. Dentre as atividades desenvolvidas, a primeira foi a realização de visitas às comunidades envolvidas no projeto. Aqui traremos somente as atividades referentes às visitas realizadas na Comunidade Quilombola Santa Luzia do Maruanum no estado do Amapá.

2. COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTA LUZIA DO MARUANUM

No Distrito do Maruanum reside uma comunidade originária de remanescentes de um quilombo, da época do Brasil Colônia, chamada Comunidade Quilombola Santa Luzia do Maruanum. Os membros dessa comunidade são pessoas afrodescendentes que representam um contexto cultural rico no Amapá com sustentabilidade, muito integrada à natureza e à ancestralidade, com suas histórias, que completam a beleza da Amazônia brasileira, ecológica e muito rica, integrada a outras belezas exuberantes da Amazônia.

Quanto à origem do nome Maruanum há várias versões, todas elas produzidas pelas pessoas da região, versões adquiridas e passadas pela transmissão oral de seus moradores. Uma versão encontrada em Silva (2022), diz que, em 1782, os negros e indígenas que trabalharam na construção da Fortaleza de São José de Macapá, procurando um local para morar, chegaram a lugar próximo a um rio com muitos pássaros anuns, que acabou sendo chamado de “mar de anuns”.

No trabalho acadêmico de Costa (2020), realizado com as Louceiras do Maruanum, uma figura que se apresenta é a dona Marciana (Figura 2), sobrinha de “tia Alexandra”. Atualmente, é dona Marciana que passa os ensinamentos ancestrais, guardados por sua tia. Existe na Comunidade, uma Associação de mulheres louceiras, na qual uma das responsáveis pela Associação e pelo desenvolvimento da comunidade é Rosilene, filha de dona Marciana e sobrinha neta de “tia Alexandra”. Há, portanto, uma cadeia familiar que resguarda os saberes e fazeres ancestrais até hoje. Rosilene é a continuação da ancestralidade, como “filha do Maruanum”, espaço em que teve a oportunidade de se tornar professora e, assim, elevar o nome da comunidade.

Figura 2 - Foto de Dona Marciana fazendo uma peça de barro

Fonte: Autores.

Na comunidade, homens e mulheres trabalham para o coletivo da mesma (Figura 3) na prática de retirar o barro, mostrando um conhecimento cultural no manuseio do barro. Dessa forma, temos a intenção de destacar a cultura amapaense por meio das louceiras da Comunidade Quilombola Santa Luzia do Maruanum, bem como, a ancestralidade que é passada de geração em geração na prática da produção de louças de barro.

Entendemos que em meio ao empreendedorismo nas atividades dessas mulheres, há a necessidade de sobrevivência delas e da família. Constatamos que essas mulheres trabalhadoras vivem da terra, tanto na subsistência da agricultura familiar, como na plantação da mandioca para produção de farinha e do tucupi, por exemplo, quanto na extração do barro. Constatamos, também, que a sustentabilidade não é somente uma necessidade de preservar os recursos naturais, mas faz parte da própria ancestralidade dessas mulheres.

Figura 3 - Foto de trabalhadores

Fonte: Autores.

Tomamos como justificativa para esse trabalho a importância de abordar sobre a cultura dessas mulheres no âmbito acadêmico, entendendo que faz parte da aprendizagem dos acadêmicos e, mais ainda, pelo ganho que esse conhecimento trará para o futuro. O respeito pelos saberes e fazeres dessas mulheres envolve a compreensão de uma vida pautada pela resistência e insurgência, aspecto que associado às lutas diárias convergem para a dignidade pessoal e coletiva dentro da comunidade.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa desenvolvida foi do tipo etnográfica, baseada na coleta de dados por meio de visitas à comunidade, com realização de observação participante. O desenvolvimento de uma pesquisa tipo etnográfica envolve adequação das técnicas a serem utilizadas (Mattos, 2020a). E a observação participante é uma técnica importante e essencial para a recolha de dados in loco.

Além disso, o pesquisador tem a oportunidade de captar imagens e realizar vídeos no momento em que acontece o encontro, o que dá chance de compreender alguns sentimentos envolvidos, e o desenvolvimento das atividades realizadas por elas. Também foram feitas algumas visitas à comunidade na intenção de levantar documentos, a história e os relatos das louceiras.

3.1. Contexto da pesquisa

O contexto da pesquisa foi a Comunidade Quilombola Santa Luzia do Maruanum, localizada no município de Macapá, capital do Amapá. Soares (2019, s.p.) afirma que o acesso a comunidade acontece por “via terrestre, pela rodovia – BR 156, que interliga Macapá a Laranjal do Jari e, via fluvial através do Rio Maruanum, um dos braços do Rio Matapi”. Chegando à comunidade é necessário ter respeito por todo processo de conhecimento que elas desenvolvem, sabendo escutar mais e falar menos para não provocar ruído naquilo que estamos observando.

3.2. Colaboradores da pesquisa

Os colaboradores da pesquisa foram as mulheres quilombolas da Comunidade Santa Luzia do Maruanum. As louceiras do Maruanum são mulheres da Amazônia brasileira que trabalham com a arte da cerâmica, produzindo artefatos com o barro retirado em local determinado pela matriarca. Essas mulheres têm suas histórias de vida associadas à produção de louças e são filiadas a uma associação chamada Associação das Louceiras do Maruanum - ALOMA (Figura 4), espaço onde 20 louceiras organizam-se para a venda das louças, utensílios e difusão da cultura.

Figura 4 - Fachada da associação ALOMA.



Fonte: Autores.

Dona Marciana Nonata, com 75 anos, é uma dessas mulheres louceiras, e é considerada a matriarca da comunidade. Ela aprendeu o ofício com a mãe, mas em sua família, todas as mulheres que a antecederam foram louceiras. Ela relata que:

Quando eu me entendi, minha avó já dizia que a mãe dela fazia as peças. Quando o pessoal ia para o mato roçar, achavam por dentro da mata, aquelas igaçabas, os pedaços de alguidar tudo quebrado. Ai eles traziam junto só um pedacinho do alguidar. Daí eles chegavam e mostravam que era dos índios e dos escravos que faziam. A minha tia do modo que ela via as igaçabas ela fazia. Os potes tudinho também. Ai os alguidares a gente já sabia como era, a gente via tudinho né? (Ferreira, 2016, p. 47).

O matriarcado é presente na comunidade em respeito à mulher mais velha que resguarda saberes e fazeres, como a retirada do barro em meio à floresta. Elas demonstram respeito à coletividade, à ancestralidade e reforçam suas características pessoais em cada peça produzida. Trazemos Santos (2015, p. 19) que afirma que “o presente atua como interlocutor do passado e, consecutivamente, como locutor do futuro”. O que queremos com essa afirmação é mostrar que cada uma dessas mulheres trabalhadoras participa, dialogicamente, de um conhecimento ancestral que sobrevive às mazelas do presente.

Há, portanto, um olhar para o futuro pela produção de enunciados, afirmados por elas, pois somente elas os podem fazê-lo. Caminhamos, desse modo, na contracolonização (Santos, 2018), ou seja, somente essas mulheres podem reeditar as suas trajetórias a partir das suas matrizes. É nessa circularidade que nos permitimos ou somos permitidos anunciar essas trajetórias contadas por elas para o mundo. A enunciação cabe somente a elas.

4. A RETIRADA E O PREPARO DO BARRO: ENTRE O SAGRADO E O COLETIVO

O processo de retirada do barro é sagrado na comunidade e acontece duas vezes ao ano, ritual em que a maioria dos participantes são mulheres. Antigamente os homens não participavam, hoje em dia ajudam a cavar o buraco e levar o barro. Mulheres grávidas ou menstruadas não podem participar desse ritual. De acordo com Coirolo (1991, p. 78) “As mulheres que participam do mutirão devem fazer abstinência sexual na noite que antecede à extração da argila”, pois elas entendem que pode contaminar o barro, tornando-o impuro. Todo ritual é realizado pela matriarca, rezando e pedindo licença à “mãe do barro” para a retirada do mesmo.

Esse procedimento de retirada do barro é executado pelo coletivo de mulheres, as quais irão usufruir do produto amalhado por elas, para elas, com cuidado, sempre respeitando a natureza. São elas, também, que confeccionam peças menores para serem oferecidas à mãe do barro, para que suas peças não quebrem.

Há todo um processo para a retirada do barro, que não pode ser feito por qualquer pessoa nem de qualquer jeito. Os rituais da “mãe do barro”, uma entidade feminina sagrada que permite e auxilia a retirada do barro, devem ser seguidos, sob pena de se perder não só o barro que se retirou como outro barro que poderia ser retirado do local.

Cada uma das mulheres que participam da retirada do barro, devem fazer uma peça que será oferecida à mãe do barro como forma de agradecimento pela permissão de retirar o barro em paz e para as peças não estragarem quando forem confeccionadas e queimadas. Essas peças depois de prontas são enterradas. Em Mattos, Mattos, Seemann e Mesquita (2024, p. 5, tradução nossa⁴) vemos que:

Essa ligação natural, cultural e sobrenatural ou espiritual reafirma os espaços socioafetivos que essas mulheres estabelecem antes mesmo de produzirem suas peças, já que abordam em seus relatos que cada uma faz uma peça pequena para ser ofertada à “mãe do barro” como agradecimento e como proteção para as futuras peças que serão confeccionadas por cada uma delas. Essa oferta traz boa sorte e permite que as peças sejam elaboradas sem apresentarem rachaduras.

Além da retirada do barro, há ainda que se colher o caraipé, que é a casca de uma árvore da região usada para dar consistência ao barro, quando misturada ao mesmo, para poder produzir as louças e os outros artesanatos. Na Figura 5, podemos ver os sacos cheios de caraipé que foram retirados da mata para serem usados na mistura com o barro.

⁴ This natural, cultural, and supernatural or spiritual connection reaffirms the socio-affective spaces that these women establish even before producing their pieces, as they mention in their reports that each one makes a small ceramic piece to be offered to the “mother of clay” as thanks and protection for future pieces that will be made by each of them. This offer brings good luck and allows the women to create the pieces without cracks.

Figura 5 - Sacos com o caraipé natural

Fonte: Autores.

Esse caraipé é queimado para ser misturado à argila produzindo, assim, o barro consistente que será utilizado na fabricação das peças (Figura 6). É preciso estimar quanto sacos de caraipé natural são necessários para que se produza uma quantidade de caraipé queimado que se precisa para misturar com a argila, conforme veremos na próxima seção.

Figura 6 - Caraipé depois de queimado

Fonte: Autores.

Então mistura-se esse caraipé queimado à argila natural para obter o barro que serão produzidas as louças. A mistura do caraipé queimado com o barro precisa ser mastigada para saber se a consistência está boa para a produção das peças (Figura 7).

Figura 7 - Argila natural e misturada com o caraipé queimado.



Fonte: Autores.

As peças produzidas pelas louceiras do Maruanum com o barro consistente já preparado, misturado com o caraipé queimado, são então levadas ao fogo para serem queimadas. São feitas três queimas das peças com temperaturas diferentes do fogo, com todas as etapas realizadas pelas mulheres que conseguem saber a temperatura ideal para as queimas.

Há ainda que lixar as peças produzidas e impermeabilizar com uma resina vegetal chamada jutaicica proveniente da árvore jatobá, bastante comum na Amazônia, mas não na região do Maruanum. As louceiras têm que comprar a jutaicica de pessoas que saem na mata para colher. A jutaicica é aplicada com uma madeira, logo após a louça ser retirada do fogão ainda com uma temperatura alta, para poder derreter a resina.

A Figura 8, mostra a dona Marciana mostrando uma bacia cheia de jutacica e um pau com a jutacica na ponta.

Figura 8 - Jutaicica

Fonte: Autores.

Na Figura 9, ilustra algumas peças artesanais confeccionadas pela dona Marciana e sua filha em sua residência em Macapá. Algumas destas cerâmicas já estão finalizadas, queimadas e impermeabilizadas com a jutaicica, prontas para serem usadas. Enquanto outras peças, com uma coloração mais clara, ainda estão secando já há alguns dias, devido ao tempo chuvoso, para então serem queimadas e impermeabilizadas.

Figura 9 - Cerâmicas de barro

Fonte: Autores.

Todo o trabalho é coletivo e realizado pelos membros da comunidade com respeito ao sagrado, cuidado e proteção à natureza. Desde a retirada do barro, que só é feita uma ou duas vezes no ano, o respeito à divindade mãe do barro que é quem provém o barro e protege as peças, até o fechamento do buraco para que animais não caiam nele.

5. ARTE DE CERÂMICA E ALGUMAS CONEXÕES ETNOMATEMÁTICAS

A arte é um elemento conectado com a matemática cotidiana. Portanto, podemos dizer que a arte produz um tipo de etnomatemática, em uma cultura que é dinâmica e transformadora, em um espaço que se reinventa com o tempo. Saber que há etnomatemática presente em uma obra de arte, como nas louças de barro produzidas pelas mulheres do Maruanum, permite-nos realizar conexão com a essência da região Amazônica.

Segundo D'Ambrosio (2011) é falso afirmar que existe dicotomia entre a teoria e a prática, por isso a etnomatemática foca a prática que tem uma teoria por trás e que a sustenta enquanto propulsora dos conhecimentos ancestrais. Segundo esse autor

As distintas maneiras de fazer [práticas] e de saber [teorias], que caracterizam uma cultura, são parte do conhecimento compartilhado e do comportamento compatibilizado. Assim como comportamento e conhecimento, as maneiras de saber e de fazer estão em permanente interação. São falsas as dicotomias entre saber e fazer, assim como entre teoria e prática (D'Ambrosio, 2011, p. 19).

Portanto, o olhar matemático por esse viés vai muito além dos números, devido a associar uma visão do cotidiano que se desenvolve na vida social da comunidade, permitindo que todos os saberes matemáticos dessas mulheres sejam possibilidades de lutas e resistência para dar visibilidade aos seus saberes e fazeres, conhecimentos únicos e coletivos, em um espaço de pertencimento e de representatividade.

Ainda em D'Ambrosio (2011, p. 41) vemos que “cada indivíduo carrega consigo raízes culturais, que vêm de sua casa, desde que nasce”. No caso específico de povos tradicionais, é preciso valorizar os conhecimentos culturais por meio da sua difusão. É o que pretendemos com este trabalho, ou seja, dar visibilidade aos conhecimentos ancestrais das louceiras do Maruanum.

Além de compreender a importância dos saberes ancestrais no estado do Amapá, é necessário cobrar dos governantes políticas públicas para a educação, as quais envolvam os conhecimentos produzidos nas comunidades tradicionais. Esse é um passo imprescindível para propagar a valorização histórica, o respeito por aqueles que são partícipes da cultura do estado, e corrigir erros.

Uma comunidade formada por pessoas que sempre foram oprimidas precisa fazer das manifestações presentes na sua cultura um ato político para se libertar da opressão. Isso corrobora Freire (2019) quando diz que:

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, "ação cultural" para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência (Freire, 2019, p. 30).

A ancestralidade que envolve a produção das louças traduz-se em arte. Uma arte ímpar, própria da comunidade quilombola. A maneira como as mulheres desenvolvem seus saberes e fazeres, permite-as olhar cada peça e, de maneira intuitiva, realizarem formas geométricas, as quais dão vida a cada louça. São painéis, travessas, saladeiras, alguidares e outras que carregam conhecimentos etnomatemáticos próprios.

Assim, podemos dizer que há uma conexão entre aquilo que elas fazem, com a expertise de uma arte cerâmica ancestral, e a etnomatemática. No caso do preparo do barro consistente para a confecção das peças cerâmicas, são necessários cinco (5) sacos de caraipé natural para se obter meio saco de caraipé queimado. Eles realizam um processo mental de razão e proporção para calcularem a quantidade que precisarão para confeccionar um determinado número de peças.

Da mesma forma, na retirada do barro há uma estratégia de natureza matemática para a estimativa da largura (diâmetro) do buraco que abrirão para retirar o barro, de maneira que possam caber duas pessoas no interior, para minimizar o trabalho da retirada do barro. Em Mattos, Mattos, Seemann e Mesquita (2024) vemos que:

O diâmetro do buraco tem que ser proporcional para a pessoa ou as pessoas que, uma a uma, retirarão o barro. Elas estimam cerca de 120 cm de diâmetro, já que podem caber duas pessoas dentro do buraco, ao mesmo tempo, para retirar o barro. A utilização de estimativas para realizar o cálculo do diâmetro vem da experiência. Observamos que a maneira de estimar o diâmetro traz ideias explícitas de matematizar o mundo, ou seja, maneiras particulares de comparar, medir, contar e estimar (Mattos; Mattos; Seemann; Mesquita, 2024, p. 14 tradução nossa⁵).

Segundo Mattos (2020b, p. 63), “a matemática cotidiana ou vivida envolve um conjunto de saberes e fazeres que são utilizados no dia a dia das pessoas pelas necessidades que têm em solucionar problemas encontrados na natureza”. A estimativa do tamanho do buraco cavado é um saber etnomatemático que faz parte da experiência dessas mulheres ao longo do tempo. Mattos e Mattos (2019, p. 105) ressaltam que “este saber fica ancorado nas estruturas mentais de cada pessoa, possibilitando ser repassado de geração a geração”.

Todas as culturas desenvolvem, no percurso de sua existência, habilidades que permitem lidar com as situações que se apresentam nas suas atividades. Dentre essas habilidades, temos aquelas que envolvem calcular, medir, estimar e inferir, “o que corrobora as manifestações matemáticas desenvolvidas por essas mulheres na retirada do barro” (Mattos; Mattos; Seemann; Mesquita, 2024, p. 14, tradução nossa⁶).

Ainda, segundo esses autores, “estimar valores e números tem a ver com avaliar possibilidades matemáticas intuitivas de abertura do buraco, aspecto que envolve o cotidiano dessas mulheres” (Mattos; Mattos; Seemann; Mesquita, 2024, p. 14 tradução nossa⁷).

Quando as pessoas chegam ao local para a retirada do barro, ele é extraído de um buraco que mede cerca de 1,20 m de largura e 1,10 m a 1,70 m de profundidade. Algumas camadas da terra são retiradas com ajuda de um pedaço de madeira. Coirolo (1991, p. 79) afirma que “retira-se a primeira camada de aproximadamente 70 cm de espessura, que consiste em um sedimento preto com muitas raízes e resíduos, não servindo para fazer a louça de barro”.

Posteriormente, uma segunda camada é extraída entre 30 cm e 40 cm de espessura. A tabatinga branca extraída dessa camada ainda não serve para a produção das peças, mas servem para fabricação de tijolos. Essas camadas que são impróprias para a fabricação das peças cerâmicas, são deixadas ao lado, junto ao buraco, para tapá-lo após a finalização da retirada do barro.

Silva (2022, p. 157) ressalta que “as louceiras têm essa compreensão da espessura, que muitas vezes é medida considerando os palmos da mão para determinar a profundidade de terra”, o que corrobora

⁵ The diameter of the hole must be proportional to the person or persons who, one by one, will remove the clay. They are estimated to be around 120 cm in diameter so that two people can fit inside the hole at the same time to extract the clay. The use of estimates to calculate diameter comes from experience. We observed that the way of estimating the diameter brings explicit ideas of mathematizing the world, that is, particular ways of comparing, measuring, counting and estimating.

⁶ Which corroborates the mathematical manifestations developed by these women when removing the clay.

⁷ Estimating values and numbers has to do with evaluating intuitive mathematical possibilities for opening the hole, an aspect that involves these women's daily lives.

as conexões intuitivas e etnomatemáticas para se determinar as medidas da largura e profundidade do buraco cavado.

Por outro lado, os saberes oriundos da ancestralidade na confecção das peças de barro pelas louceiras do Maruanum, expressam uma etnomatemática presente na cultura da comunidade que dá visibilidade e empoderamento social e econômico a essas mulheres, tendo em vista que as peças são bastante procuradas, gerando renda.

De fato, temos que:

A etnomatemática não atua sobre a vitimização ou sobre o exótico excluído, mas enfatiza que os conhecimentos têm igual liberdade de serem apresentados. Portanto, validar esses conhecimentos retira essas mulheres da margem da sociedade, tornando-as visíveis, damos-lhes espaços de diálogos e de confronto socioculturais e econômicos. Ao ecoarem suas vozes, transmitem o raciocínio crítico e coletivamente e tomam para si o poder do ser, do saber e do fazer e, sobretudo, da mãe natureza (Mattos; Mattos; Seemann; Mesquita, 2024, p. 15, tradução nossa⁸).

Dessa maneira, entendemos tornar necessário trazer para o debate na academia esses saberes culturais e etnomatemáticos produzidos por essas comunidades afro-brasileiras. Suas histórias confundem-se com a história do Brasil. Precisamos dar o devido valor para essas mulheres, promovendo o empoderamento feminino em todos os aspectos, a valorização cultural e o pertencimento local.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer o patrimônio cultural das comunidades quilombolas é fundamental para nos aprofundarmos em nossa própria história. Também, é um dos passos para reparar a injustiça causada aos afrodescendentes, partícipes no processo histórico da formação social do território brasileiro. Nesse artigo trouxemos um pouco da ancestralidade na Comunidade Quilombola Santa Luzia do Maruanum no município de Macapá, um espaço de tradições afrodescendentes que se misturam com a cultura do estado do Amapá.

Nesse sentido, abordamos os conhecimentos ancestrais das mulheres da Associação de Louceiras do Maruanum - ALOMA, com seus trabalhos artesanais, os quais envolvem não só o cultural, mas, também, o social e o espiritual. São saberes e fazeres, relatados pela matriarca dona Marciana, sobre a retirada do barro e a produção das cerâmicas, que mostra que os espaços cultural e espiritual são representativos de pertencimentos desse grupo sociocultural.

Já a etnomatemática pode auxiliar na compreensão da interconexão das áreas do conhecimento que estão postas na academia, e aquelas oriundas da ancestralidade dos diversos grupos afrodescendentes. Ela aponta caminhos para as relações que podem se estabelecer entre os valores dos saberes ancestrais afro-brasileiros e o respeito e a importância de todos os saberes e conhecimentos, não só para existência social e espiritual dos membros da comunidade, como também para a existência de todos por meio de ações de sustentabilidade e preservação ambiental e cultural.

É preciso reconhecer e valorizar a importância das atividades de todo e qualquer grupo sociocultural como manifestações oriundas da sua essência, e que são vistas pela etnomatemática como fazendo parte dos seres, saberes e fazeres de uma sociedade que gera e difunde conhecimentos, os quais são representativos da sua própria história e também do Brasil.

⁸ Ethnomathematics does not take action on victimization or the exclusion of the exotic, but emphasizes that different knowledges have equal freedom to be expressed. Therefore, validating this knowledge removes these women from the margins of society, making them visible and giving them spaces for sociocultural and economic dialogue and confrontation. By echoing their voices, they transmute reasoning critically and collectively and take for themselves the power of being, knowing, doing, and above all mother nature.

REFERÊNCIAS

- COIROLO, Alícia D. Atividades e tradições dos grupos ceramistas do Maruanum (AP). Notas preliminares. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, Vol. 7, n. 1, p. 71-95, 1991.
- COSTA, Célia S. **Louceiras do Maruanum (Amapá):** Estratégia educativa para a conservação da tradição do criar-saber-fazer ceramista. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- FERREIRA, Fabrício C. **“Desde que me entendi”:** Tecendo saberes e fazeres relativos à louça da Comunidade Quilombola do Maruanum, Amapá/AP. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- MATTOS, Sandra M. N.; MATTOS, José R. L.; SEEMANN, Jorn; MESQUITA, Mônica. Humanscapes and Ecological Societies: Socio-affective narratives on beings, knowledge, and doings. **Revista Eletrônica de Educação Matemática - REVEMAT**, Florianópolis, Edição Especial: Antropologias e Educação Matemática: diálogos (im)pertinentes, p. 1-22, Jan./Dez. 2024.
- MATTOS, Sandra M. N. **Conversando sobre metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020a.
- MATTOS, Sandra M. N. **O Sentido da Matemática e a Matemática do Sentido: Aproximações com o programa etnomatemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020b.
- MATTOS, Sandra M. N.; MATTOS, José R. L. (2019). Etnomatemática e prática docente indígena: a cultura como eixo integrador. **Hipátia**, Vol. 4, n. 1, p. 102-115. 2019.
- SANTOS, Antonio B. Somos da terra. **Piseagrama**, n. 12, p. 44-51, 2018.
- SANTOS, Antonio B. **Colonizações, quilombos: modos e significações**. Brasília: UNB, 2015.
- SILVA, Romaro A. **Apropriação de práticas de numeramento na EJA/Proeja em comunidades quilombolas do estado Amapá - Brasil: A etnomatemática como possibilidade de ensino**. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Universidade do Minho. Instituto de Educação, Minho, 2022.
- SOARES, Ana Cristina P. M. Religião e festividade no distrito rural do Maruanum. **Revista Senso**, s. p., 2019.



Fomento à pesquisa:

Este estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (CNPq) - Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021.

This study was conducted with the support of the National Council for Scientific and Technological Development - Brazil (CNPq) - Call CNPq/MCTI/FNDCT No. 18/2021.

